

Comentários sobre a educação do corpo nos “textos pedagógicos” de Theodor W. Adorno

Jaison José Bassani
Alexandre Fernandez Vaz

Resumo

*O trabalho tem como objetivo apresentar e interpretar o conteúdo sobre a educação do corpo em alguns ensaios, conferências e debates de Theodor W. Adorno. A estratégia metodológica passou pela análise dos “textos pedagógicos” e, sob outro ponto de vista, pelo roteiro epistemológico oferecido pela obra *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, escrita em parceria com Max Horkheimer. Os resultados mostram como o tema do corpo alcança uma dimensão pedagógica na obra de Adorno. Eles são apresentados por meio de dois conceitos abrangentes: 1) o conteúdo manifesto, expresso nos comentários que se referem diretamente ao que tradicionalmente entendemos por educação do corpo, e que aparecem relacionados, sobretudo, ao esporte e seu ensino; e 2) o conteúdo latente sobre a educação do corpo, radicado nas passagens em que o somático ganha destaque, trazendo contribuições importantes para compreendermos o lugar do corpo no que poderíamos chamar de um projeto pedagógico adorniano.*

Palavras-chave: Adorno Theodor, 1903-1969- Crítica e interpretação; Teoria Crítica; Frankfurt, Escola de

Jaison José Bassani
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação do CED/UFSC,

Alexandre Fernandez Vaz
Professor do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-graduação em Educação do CED/UFSC; Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade de Hannover, Alemanha.

1 Introdução

Os anos cinqüenta do século passado viram iniciar-se na Alemanha um tipo de debate e intervenção intelectual muito peculiar, que levou a Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt não apenas à condição de ícone acadêmica, mas também seus expoentes ao papel de figuras públicas de primeira grandeza na República Federal.

Como se sabe, uma parte importante daqueles intelectuais que viriam a constituir a conhecida Escola de Frankfurt havia emigrado da Alemanha nos anos trinta, alguns deles retornando à Europa com o final da II Guerra Mundial. A volta de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno do longo exílio nos Estados Unidos da América – onde escreveram a obra-chave da tradição frankfurtiana, *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – marca um importante período que, principalmente no caso de Adorno, combinou a elaboração de pelo menos duas obras mais extensas – a *Dialética negativa* e a inacabada *Teoria estética* – com um número muito grande de ensaios de ocasião, debates públicos nas emissoras de rádio e televisão, nos congressos de Sociologia e nas Universidades, nas quais, aliás, Adorno tornou-se uma figura muito popular, inclusive no movimento estudantil.

Desse tipo de intervenção acadêmica fazem parte os conhecidos textos sobre problemáticas da educação, vários deles reunidos no livro *Erziehung zur Mündigkeit*, organizado por G. Kadelbach em 1971, dois anos após a morte de Adorno, traduzido e publicado no Brasil em 1995 sob o título *Educação e emancipação*. O pequeno volume trouxe a público, reunidos, ensaios que já haviam sido publicados em outras coleções e algum material até então inédito na forma escrita.

Talvez não seja tão fácil circunscrever *os* textos sobre educação de um filósofo como Theodor W. Adorno, ainda que o livro organizado por Kadelbach tenha conferido aos escritos lá presentes esse *status* no universo acadêmico. Afirmamos isso tanto porque há outras reflexões de Adorno, sobretudo dos anos cinqüenta e sessenta, que também se referem de forma direta às questões educacionais, como, por outro lado, muitos outros ensaios – e mesmo grande parte da obra como um todo – que também podem (e devem, sem exageros) ser lidos como grandes contribuições para a educação.

De qualquer forma, os textos reunidos em *Erziehung zur Mündigkeit* guardam uma singularidade que não escapa aos olhos: o esforço reflexivo para uma educação política, para uma inclinação na direção de resguardar

o *particular*, o que resta ainda de expressão subjetiva nos seres humanos, sobre o qual a educação talvez tenha algum efeito. Em outras palavras, como se lê em várias passagens, uma educação contra a barbárie, que procure resistir à compulsão paranóica da repetição, que traga ao plano da consciência as condições que tornaram possível Auschwitz, para que este momento fronterizo da história não se repita.

Essa dimensão *pedagógica* da obra de Adorno – expressa também e com veemência, mas com muita liberdade e amplitude não apenas nos textos sobre educação – não pode ser tomada, como algumas vezes foi, como um “receituário” de práticas pedagógicas e nem sequer como uma “proposta de educação”. Se é possível procurar um *Adorno educador*, não se pode nele encontrar recomendações didáticas ou de “metodologia de ensino”, como já se fez, indevidamente, com pensadores do porte de Antonio Gramsci e Jean Piaget. Aliás, se quisermos mesmo insistir nesta procura, ela não encontrará um bom destino, uma vez que Adorno jamais se rendeu a qualquer tipo de facilitação, aos didatismos que freqüentemente se exigem ao professor. Ao contrário, e de maneira coerente com seu pensamento sem concessões, Adorno afirmou que “Ao que tudo indica, o [meu] êxito como docente acadêmico deve-ser à ausência de qualquer estratégia para influenciar, à recusa em convencer.” (ADORNO, 1971a, p. 76; 1995, p. 104).

Nesse sentido, os *textos sobre educação* de Adorno podem ser lidos em uma dupla articulação. Por um lado, como já foi dito, eles correspondem ao esforço de educação política empreendido na reconstrução e *perlaboração* da memória coletiva que sobrevivera, da forma que lhe fora possível, àquela que foi, provavelmente, a experiência humana mais radicalmente enraizada na *banalidade do mal*, que foi a do espaço concentracional; por outro lado demonstram uma extrema coerência entre as linhas gerais das grandes obras e a intervenção pública mais pontual que, para além das respostas mais imediatas, remete, invariavelmente, aos temas que desafiam a Filosofia e as Ciências Sociais.

Os textos pedagógicos de Adorno têm sido exaustivamente estudados no Brasil, resultando num número bastante expressivo de trabalhos – alguns com grande qualidade – e na divulgação e mesmo popularização da tradição da Escola de Frankfurt. Eles estão ainda longe, no entanto, de ter esgotado suas potencialidades, quer como objeto de pesquisa, quer como interlocução com as questões educacionais contemporâneas.

Nosso objetivo no presente trabalho é analisar os textos que compõem *Erziehung zur Mündigkeit* e alguns outros ensaios nos quais o tema da educação é central, tomando-lhes uma importante questão na obra de Adorno: o domínio sobre o corpo como expressão dialética da natureza subjugada que forja o sujeito esclarecido. Interessa, portanto, saber do *amor-ódio* pelo corpo, do destino das pulsões, do dilaceramento da substância viva (*das Lebendige*) que compõe o humano. É preciso saber, portanto, dos processos de educação do corpo e suas contradições, tal como Adorno, com a costumeira radicalidade, os analisa.

Os leitores da *Dialética do esclarecimento* estão familiarizados com o tema do corpo na obra seminal de Adorno, escrita em parceria com Max Horkheimer (HORKHEIMER; ADORNO, 1997). A viagem de Ulisses de volta a Ítaca – terra natal, pátria, aconchego da esposa e lar definitivo da razão – é cheia de percalços, e o bravo navegador só a muito custo logra chegar ao seu destino. Para tal intento, aprende a dominar a natureza que se lhe apresenta na forma dos mitos que astuciosamente ludibria. O navegante deve, no entanto, renunciar, sem temor, à perigosa plenitude da gratificação pulsional. Dominar-se a si mesmo, sua própria natureza corporal, para poder dominar seu entorno, é este o percurso necessário. Por isso Ulisses, mesmo fraco corporalmente, torna-se forte, ainda que, como no episódio do Canto das Sereias, isso signifique a incorporação da troca sacrificial presente em todo ato mágico.

O preço desta renúncia pulsional é, como já haviam ensinado Freud e Nietzsche – mas também Sade! –, muito alto, culminando, paradoxalmente, na fragilidade do ego frente aos processos de regressão que o levam a dilacerar-se frente à indústria cultural e na dissolução no coletivismo, como é o caso da organização política do preconceito, magistralmente demonstrada por Horkheimer e Adorno no capítulo *Elementos do anti-semitismo: fronteiras do esclarecimento*, da *Dialética do esclarecimento*. Naquela análise, o corpo aparece como vetor central entre a mimesis e a falsa projeção que, associadas, vão compor o discurso paranóico que justifica o preconceito.

O tema do corpo é recorrente em vários outros trabalhos de Adorno, nos ensaios de ocasião e obras de maior fôlego, como *Minima moralia* e *Dialética negativa*. Neste último livro, em meio a inúmeras referências a expressões somáticas e suas relações com o pensamento, lê-se que o sofrimento, sempre corporal, é um impulso não analgésico ao conhecimen-

to. Torna-se claro, além disso, que a Filosofia de Adorno, mesmo quando apresenta seus traços metafísicos, coloca-se em direção contrária a qualquer bálsamo que faça esquecer a materialidade e, portanto, as fronteiras e finitudes do corpo (ADORNO, 1997a, p. 203-204).

No que se refere ao presente texto, nossa investigação procurou acompanhar o movimento interno de constituição do próprio objeto, buscando, assim, oferecer-lhe fidelidade, respeitar-lhe a *primazia – Vorrang des Objekts*. (ADORNO, 1997a). Sendo assim, não poderia ser outra a opção, senão a de investigar o tema do corpo e sua educação a partir de um ponto de vista que fosse capaz de considerar seus próprios constituintes em desdobramentos dialéticos, em sua *negatividade*.

O tema será apresentado em duas partes subseqüentes que procuram expressar o movimento de reflexão que elaboramos a partir da pesquisa dos textos pedagógicos. A primeira parte diz respeito ao *conteúdo manifesto* dos ensaios e debates, aos comentários em que Adorno refere-se diretamente ao que tradicionalmente entendemos por educação do corpo como, por exemplo, as técnicas e práticas corporais, os jogos infantis, o esporte, entre outros. A segunda parte, que chamamos de *conteúdo latente*, refere-se às passagens em que o corpo ganha destaque nos textos, trazendo, ainda que de forma discreta, contribuições importantes para pensarmos tanto a crítica à educação tradicional, quanto para compreendermos o *lugar* do corpo nas, às vezes surpreendentes, assertivas e sugestões pedagógicas livremente elaboradas pelo autor.

2 Educação esportiva: do *conteúdo manifesto* sobre a educação do corpo

A mais clara e, provavelmente, a mais importante menção ao que tradicionalmente entendemos por educação do corpo, presente nos ensaios pedagógicos reunidos no livro *Erziehung zur Mündigkeit*², aparece no famoso comentário a respeito da ambigüidade do esporte, no texto-conferência *Educação após Auschwitz*.

O contexto em que se inscreve esse comentário está relacionado ao problema da vinculação entre autoridade/autoritarismo e barbárie, tema recorrente nos estudos do Instituto de Pesquisa Social desde os tempos de sua primeira fase na Alemanha, e que encontra suas melhores expressões no famoso estudo *Autoritarian Personality*, realizado nos Esta-

dos Unidos por uma equipe coordenada por Adorno, referência central do capítulo sobre o Anti-semitismo da *Dialética do esclarecimento*.

Educação após Auschwitz pertence a um conjunto de textos que tomam o *Shoa* como paradigma para a compreensão da sociedade contemporânea e que pergunta o que, afinal, é possível fazer para que a barbárie não se repita. Adorno considera, assim como fizera Freud, que a barbárie está inscrita no processo civilizador, não se constituindo como seu oposto. Então, o que fazer do ponto de vista educacional, para que a barbárie e o sem-sentido se desloquem como força motriz da humanização? A resposta dirige-se para o fortalecimento do sujeito, não no sentido do seu enrijecimento, mas de sua capacidade reflexiva, de sua *auto-reflexão crítica*. (ADORNO, 1971a, p. 90; 1995, p. 121).

É nesse contexto, de uma educação que possa resistir à reificação e à compulsão da barbárie, que o esporte deve ser, diz Adorno, analisado. Afinal, diz ele, é preciso lembrar a relação perturbada e patogênica com o corpo, que com Horkheimer descrevera no livro *Dialética do Esclarecimento*: “em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência.” (ADORNO, 1971a, p. 95; 1995, p. 127). Retomaremos esta questão adiante. Por ora, interessa saber como Adorno trata diretamente o esporte, este fenômeno social contemporâneo sem igual, esta forma privilegiada de organização da corporalidade:

o esporte é ambíguo: por um lado ele pode ter efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fair play*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso das pessoas que não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte, mas que apenas o assistem; são aqueles que costumam vociferar nos campos esportivos. (ADORNO, 1971a, p. 95; 1995, p. 127).

Não deixa de ser curiosa, em se tratando de Adorno, esta forma de tratar o fenômeno esportivo. Poucas vezes encontramos em sua obra algum reconhecimento de que o esporte possa ter um duplo caráter, bárbaro e emancipador, como é o caso do trecho acima. Geralmente o que lemos é uma dura crítica ao esporte, como elemento da indústria cultural, paradigma regressivo da sociedade administrada,

ou ainda mediação deformada que o sujeito encontra para dominar sua própria natureza, seu corpo e suas pulsões.

Nos ensaios de *Educação e emancipação*, Adorno irá uma vez mais se referir diretamente ao esporte, sobretudo ao seu ensino na escola por meio da disciplina Educação Física, em debate com seu freqüente interlocutor Hellmut Becker. Ao discorrerem sobre a competição em *Educação contra a barbárie*, como elemento pedagógico estimulado pelos próprios professores para melhorar a aprendizagem das crianças, ambos afirmam que ela é um princípio, no fundo, contrário à educação para autonomia, e, portanto, representa em si um elemento de educação *para* a barbárie (ADORNO, 1971a, p. 133-147; 1995, p. 155-168). Adorno diz que com a competição é possível, quando muito, educar esportistas, mas não pessoas desbarbarizadas. Corroborando a afirmação de Becker, de que a recusa das idéias exageradas de competição na educação constitui um aspecto com o qual se pode fazer algo de fundamental em relação à desbarbarização, Adorno destaca que é preciso desacostumar as pessoas a se *darem cotoveladas*. Na idéia de *fair play*, presente na tradição do sistema educacional da Inglaterra, encontrar-se-ia momentos de uma consideração segundo a qual a motivação desregrada da competição contém algo de desumano, havendo, então, um bom motivo para se aproveitar o ceticismo do ideal formativo inglês frente ao supostamente "saudável" desejo de sucesso.

Partindo dessas ponderações a respeito do assunto, Becker afirma que se tem errado demasiadamente na idéia da competição exacerbada, especialmente no esporte. Para ele,

numa sociedade gradualmente liberada dos esforços físicos, em que a atividade física assume uma importante função lúdica e esportiva na escola que é muito mais importante do que jamais ocorreu na história da humanidade, ela poderia provocar conseqüências anímicas equivocadas por meio da competição. Neste sentido creio que um ponto decisivo consiste também em diminuir o peso das formas muito primitivas e marcadas da competitividade na educação física. (ADORNO, 1995, p. 162-163).

Corroborando a assertiva de Becker, Adorno afirma que ela poderia levar a um predomínio do aspecto lúdico no esporte frente ao chamado desempenho máximo. Considera tal fato uma inflexão particularmente humana inclusive no âmbito dos exercícios físicos, a qual, na sua opinião, parece ser estritamente contrária ao *Zeitgeist*.

Há nesses comentários de Adorno a respeito do esporte alguns pontos que precisam ser destacados. Parece fundamental considerar essas passagens sobre o esporte dentro do contexto em que se inscrevem as problemáticas presentes nesses ensaios que ora discutimos, mas também o lugar e a dimensão que o corpo e suas expressões – dentre elas sua educação – ocupam na obra de Adorno.

Talvez o primeiro ponto a merecer destaque seja justamente o fato desses comentários emergirem em textos nos quais o autor se debruça diretamente sobre aquela que seria uma das categorias centrais de seu *projeto pedagógico*, qual seja, resistir aos processos de reificação e de repetição da barbárie. Não parece ser por acaso o destaque dado ao esporte – sobretudo em sua forma competitiva –, e a educação por meio dele, como elemento potencializador da barbárie. Isso porque não lhe restam dúvidas quanto ao potencial destrutivo, de regressão e de produção da crueldade, internalizado nas tendências sociais contemporâneas, cuja imagem aparece nas relações patogênicas com o corpo, orquestradas, em grande parte, pelo esporte.

Sob outro ponto de vista, é preciso considerar também o papel do esporte, como procedimento técnico, no domínio da natureza interna do ser humano, ou seja, do próprio corpo. No esporte, o corpo é o instrumento técnico por excelência, assim como este deve potencializar o domínio sobre a natureza, da mesma forma o corpo, em si mesmo, deve ser expressão da *natureza dominada*, o que pode ser verificado, com certa facilidade, tanto nas estruturas do treinamento corporal, seja no esporte de rendimento ou, mais recentemente, nas academias de ginástica e musculação, seja no ensino de técnicas e práticas corporais na escola³.

É interessante atentar para a passagem de *Educação após Auschwitz* em questão, na qual Adorno destaca o caráter fetichista da técnica e sua relação com o esporte, com o qual, aliás ele teria grande afinidade. Na relação atual com a técnica existiria algo de exagerado, irracional, patogênico: “os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço humano.” (ADORNO, 1971a, p. 100; 1995, p. 132).

Essa equação entre esporte e técnica já havia sido feita por Adorno em outros momentos. O esporte seria uma forma clandestina de adaptação à maquinaria, de tal modo que o ser humano a incorporaria, desaparecendo a diferença entre si e a máquina. A consequência dessa

adaptação conduz a um momento ostentador da violência, ao culto à obediência, ao autoritarismo, ao sofrimento e ao masoquismo. Nas palavras de Adorno (1997b, p. 80) “ao esporte pertence não apenas o impulso à violência, mas também o de suportá-la e tolerá-la.”⁴

Diante desse registro, não parece sem sentido o fato de Adorno vincular tanto o esporte, quanto os *troles* – rituais de filiação a coletividades, que costumam infligir dor física muitas vezes insuportável – ao ideal de *severidade*. Uma educação voltada para o desenvolvimento da severidade, baseada na força e na disciplina irrefletida, está, diz Adorno (1971a, p. 96; 1995, p. 128),⁵ totalmente equivocada e é extremamente perigosa: “a idéia de que a virilidade consiste num grau máximo da capacidade de suportar dor de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que – como mostrou a Psicologia – se identifica facilmente com o sadismo”. . Em outras palavras, o “ser duro” deste tipo de educação significa, na verdade, indiferença à dor em geral. Isso quer dizer que, quem é “duro”, severo consigo mesmo, “adquire” o direito de ser duro e severo com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir.

Exemplar é a relação que o esporte, e a educação por meio dele, tem com a dor e o sofrimento. Como constantemente aprendemos com os veículos da indústria cultural, o esporte valoriza enormemente a superação da dor que não pode ser vista pelo esportista competidor como uma experiência essencial do corpo, por meio da qual são reconhecidos seus limites, mas sim como algo que deve ser esquecido, recalcado, superado, ou então, no limite, tornado fonte de prazer. A técnica seria uma forma racional de organizar e potencializar uma relação de severidade e de domínio absoluto com o próprio corpo. O refinamento trazido pelo aparato tecnológico e a instrumentalidade corporal acabam sendo mediadores da perversa equação de celebração e de desprezo, de *amor-ódio* pelo corpo.

O segundo ponto que merece ser destacado nos comentários de Adorno sobre a educação do corpo por meio do esporte, refere-se ao possível caráter lúdico presente neste último, quando a relação entre os participantes pode ser solidária, nem agressiva, nem violenta, e que se inscreve na contra-mão da maior parte das críticas e reflexões que desenvolvera em outras obras.

Como foi dito, Adorno corrobora com a assertiva de Becker de que seria necessário diminuir o peso das formas muito primitivas e marcadas da competitividade na Educação Física – e também no esporte – e, ao fazê-lo,

destaca que isso poderia levar a um predomínio do aspecto lúdico frente à procura pelo desempenho máximo. Isso seria uma inflexão *particularmente humana*, contrária ao *espírito do tempo*.⁶ No mesmo quadro teórico, qual seja, o de uma educação que possa resistir à barbárie, quando praticado com *fair play*, cavalheirismo e respeito pelo mais fraco, poderia, como visto acima, ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo.

Talvez soe como incoerência esta “concessão” de Adorno, que reconhece um possível efeito antibárbaro no esporte. O paradoxo, no entanto, é o mesmo que Adorno encontra na contemporaneidade. Quando lemos os pequenos textos que compõe as *Minima moralia*, as reflexões sobre/a partir da vida danificada (ADORNO, 1992; 1997c), encontramos uma série de lamentos pelo desaparecimento da delicadeza e da singularidade da experiência, pela atrofia do particular: o andar apressado pela cidade, tal como o de um fugitivo, o fim das viagens em trens de luxo, o desapego à tradição do vinho, a presença da funcionalidade no mobiliário da casa, e assim por diante. Estas são marcas da vida na sociedade administrada, na qual o sujeito burguês, com suas esperanças, sucumbiu. Em seu lugar, o “novo” sujeito histórico não se constituiu. Talvez Adorno tenha razão e seja mesmo o esporte aristocrático, paradoxalmente, uma situação exemplar que nos lembre um sujeito que, com todas as suas contradições, ainda sobrevivia. Quem sabe não seja esta uma possibilidade de termos esperanças, certamente muito discretas, de ainda chegarmos a uma humanidade que dispense adjetivos.

Há ainda uma outra questão muito importante sobre o esporte nesses comentários de Adorno (1995, p. 127) em *Educação após Auschwitz*, que se relaciona diretamente à colocada há alguns parágrafos. O esporte, em algumas de suas modalidades e procedimentos, poderia promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente dos espectadores esportivos (“são aqueles que costumam vociferar nos estádios esportivos”), que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina de sua prática. Note-se que não há uma depreciação da *prática esportiva* em si mesma, assim como, ao contrário de outros textos⁷, Adorno não estabelece uma relação direta entre o disciplinamento no esporte e o caráter autoritário da sociedade moderna.

A isso se relaciona uma passagem do debate *Educação contra a barbárie*, na qual não se considera tão problemática a educação por meio da competição, quando ela se restringe à “vida esportiva” (ADORNO, 1971; 1995). No entanto ela tornar-se-ia problemática a partir do

momento em que o esporte é consumido, mediado pelas relações da *indústria cultural*, como um espetáculo – seja diretamente nos campos esportivos ou pelos meios de comunicação de massa. É o que se lê, por exemplo, no texto *Teoria da semiformação*:

Hoje as zonas rurais são sobretudo focos da semiformação. O campo foi conquistado espiritualmente pela indústria cultural. No entanto, o *a priori* do conceito de formação propriamente burguês, a autonomia, não teve tempo algum de constituir-se e a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra. No lugar da autoridade da Bíblia, instaura-se a do domínio dos esportes, da televisão e das "histórias reais". (ADORNO, 1996, p. 393).

Abra-se aqui um parêntese. O insucesso da educação na desbarbarização das pessoas do campo teria sido ainda maior do que em relação à cidade (ADORNO, 1971a, 1995). Não há qualquer condescendência por parte do autor com aqueles que consideramos, muitas vezes, mais primitivos, mais "puros", menos "contaminados" pelos vetores da civilização. Ao contrário, se há alguma esperança, ela está, sem dúvida, no esclarecimento, na organização intelectual, e nunca na violência arcaica que ainda permanece, em menor ou maior grau, em todos nós⁸. Adorno adverte que a organização social produz pessoas com traços sádicos reprimidos e com tendências à regressão por toda parte e que, portando, não deve haver nenhum mal-entendido quanto à inclinação arcaica pela violência presente também nas cidades.⁹

A diferenciação estabelecida por Adorno entre a prática do esporte e o seu consumo como entretenimento constitui uma possível chave para compreendermos melhor os fenômenos da indústria cultural ligados ao esporte. Lembre-se, a propósito, que o próprio Adorno lamentou, no ensaio *Tempo livre* (ADORNO, 2002), a falta de uma penetrante *Sociologia do esporte*¹⁰, sobretudo do espectador esportivo. Ao que tudo indica, a fascinação do público pelo esporte, que muitas vezes se manifesta pela excitação com os acidentes, com as jogadas violentas, com o sofrimento dos atletas e seu extremado sacrifício, é uma expressão da *consciência reificada*, da mobilização de energias psíquicas adaptadas aos esquemas da indústria cultural¹¹. Embora seja correto afirmar que também outras manifestações da indústria cultural atendem – e ao mesmo tempo moldam – a demanda de seus consumidores, os espetáculos esportivos parecem ter uma característi-

ca peculiar: a celebração da violência, cujos exemplos no campo esportivo brasileiro, sobretudo no futebol, dispensam maiores explicações.

Esse processo assemelha-se, em muitos aspectos, às observações de Horkheimer e Adorno (1985, p. 128-130) sobre o desenvolvimento de um certo tipo de sadomasoquismo que se expressaria nas programações dos filmes cômicos e de terror, nos quais "...sob a gritaria do público, o protagonista é jogado para cá e para lá como um farrapo. Assim a quantidade da diversão converte-se na qualidade da crueldade organizada." Os autores da *Dialética do esclarecimento* destacam que os filmes de animação, na medida em que fazem mais do que apenas acostumar os sentidos ao ritmo da *razão tecnológica*, inculcam em todas as pessoas a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual: "assim como o Pato Donald nos cartuns, também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem." (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 130).

Uma outra questão muito importante no que se refere à educação do corpo nos escritos de Adorno (1971b) encontramos entrelaçada a comentários sobre a infância. Mais especificamente, Adorno se refere às condições de possibilidade de se evitar o desenvolvimento do preconceito já na crianças pequenas. Se por um lado trata-se do anti-semitismo e suas formas de aprendizado ainda não esconjuradas, por outro o tema se refere à infância e suas expressões, a esta experiência subjetiva e social sem igual que, para Adorno, tem enorme importância.

O preconceito deixa-se ver, como mostram Horkheimer e Adorno na seção V do capítulo sobre anti-semitismo de seu livro mais importante (HORKHEIMER; ADORNO, 1997), nas reações corporais, idiossincráticas, pelo descontrolo somático na face enrubescida e no suor do cenho franzido frente ao desconhecido, ao *corpo estranho*. Não por acaso foi ele mobilizado politicamente pelo nacional-socialismo, demarcado pelas cifras miméticas que fazem cada um diluir-se da condição de sujeito, assemelhando-se às figuras identificadoras do poder: políticos em seus comícios, soldados em uniformes, atletas em seus gestos precisos e potentes.

Estas reações corporais, que expressam a intolerância a tudo o que relembra a natureza orgânica do corpo, mas paradoxalmente nos aproxima da mera naturalidade sem subjetividade, encontram lugar privilegiado na infância e nos jogos infantis. Adorno não tem qual-

quer condescendência em relação à eventual perversidade infantil, mas, ao contrário, vê nela o germe do fascismo. Destaca-se aqui a importância da própria biografia nas reflexões do autor, uma vez que a recorrência a ela não só é freqüente, mas também plena de significados, como pode ser observado em *Minima moralia*. Nesta obra, repleta de notas biográficas, pode-se encontrar uma passagem sobre sua própria infância, onde relata suas relações com colegas de escola fisicamente mais fortes e violentos, nos quais identifica o traço marcante do fascismo que viria:

A rigor eu deveria ser capaz de derivar o fascismo das lembranças de minha infância. Como faz um conquistador em relação a províncias longínquas, o fascismo enviara seus emissários muito antes de fazer sua entrada: meus camaradas de escola. (...) Todos os sinais da catástrofe permanente tinham-me roçado tão de perto, os sinais de advertência do despertar da Alemanha tinham-me marcado de uma forma tão indelével, que fui capaz de identificar cada um deles nos traços da ditadura de Hitler: e, no meu horror tolo, com freqüência eu tinha impressão de que o Estado total havia sido inventado especialmente contra mim, para fazer-me sofrer aquilo que na minha infância – a pré-história dele – eu havia sido dispensado até segunda ordem. Os cinco patriotas que se precipitaram sobre um único colega, espancando-o, e que o difamaram como traidor da classe quando ele se queixou ao professor – não são eles os mesmos que torturaram prisioneiros para desmentir os que, no exterior, diziam que se torturavam prisioneiros? Aqueles cuja zombaria era interminável quando o primeiro da turma falhava – não foram eles que com caretas risonhas e um tanto embaraçados, cercaram o detento judeu e caçoaram quando este, de maneira desajeitada, tentou se enforcar? (ADORNO, 1992, p. 169; 1997c, p. 219).

É por isso que Adorno se preocupa com as crianças que excluem as outras das brincadeiras e jogos infantis, comportamento que, longe de ser visto como “inocente”, é considerado a antecipação da personalidade autoritária e, em grande medida, das condições que geraram o fascismo. Que se lembre ainda a indicação de *Educação após Auschwitz*, de que na história das perseguições, a violência se destina contra os que são considerados não apenas mais fracos, mas também mais felizes (ADORNO, 1995, p. 122).

3 A escolarização e o *conteúdo latente* sobre a educação do corpo

Para além destas passagens destacadas acima nas quais a educação do corpo aparece de forma mais explícita, há outras, presentes em vários textos do livro *Educação e emancipação*, em que o corpo ganha destaque nos comentários de Adorno, expondo, de forma *menos aparente*, o lugar que ele ocupa nas reflexões onde este importante filósofo procurou arrazoar aquilo que poderíamos chamar de um *projeto pedagógico*.

Elas aparecem de forma bastante contundente no texto *Tabus acerca do magistério*, quando, ao discorrer sobre as dimensões da aversão acerca da profissão de professor na Alemanha, Adorno destaca a função disciplinar como sendo uma questão central: para ele, por trás da imagem negativa do professor encontra-se a do *homem que castiga*. O Autor considera essa imagem determinante no que se refere aos tabus acerca do magistério, mesmo após a proibição dos castigos corporais. Tanto é assim que uma série de expressões degradantes utilizadas para designar a profissão de professor refere-se aos castigos corporais, como é o caso, na língua alemã, das palavras *Pauker* (quem ensina com a palmatória da mesma forma que treina soldados a marchar pelas batidas nos tambores) e *Steisstrommler*, relacionada à educação musical, e que significa “quem malha o traseiro” (ADORNO, 1971a, p. 71; 1995, p. 98-99). Essa imagem representaria o professor como alguém que é fisicamente mais forte e castiga o mais fraco, as crianças. Tal fato daria a idéia de que a relação entre o professor e seus alunos não é um jogo honesto, limpo, não é um *fair play*. Para o autor, essa desonestidade (*unfairness*) acaba afetando inclusive

...a vantagem do saber do professor frente ao saber de seus alunos, que ele utiliza sem ter direito para tanto, uma vez que a vantagem é indissociável de sua função, ao mesmo tempo em que sempre lhe confere uma autoridade de que dificilmente consegue abrir mão. (ADORNO, 1971a, p. 76-77; 1995, p.105-106).

No entanto, não é somente o fato de saber mais, de ter a vantagem e não poder negá-la, que conduz o professor à desonestidade: ele também é impelido nessa direção pela própria dinâmica social, de ideal liberal-burguês, na medida em que, apesar de não poder prescindir da vio-

lência física para impor suas determinações, não pode reconhecê-la como necessária para uma formação social baseada na dominação. Isso ocasiona tanto a delegação da violência, quanto o desprezo por aqueles que, como o professor, se encarregam de aplicá-la. Nesse sentido, os executores dessa violência são bodes expiatórios para os mandantes.

Dentro desse imaginário de representações inconscientes, a imagem do professor corresponderia a do carcereiro ou, então, à do suboficial. Adorno destaca que, embora não tenha certeza da veracidade da afirmação de que nos séculos XVII e XVIII soldados veteranos eram aproveitados como professores nas escolas primárias, esta crença popular seria bastante característica para a representação social do professor. Inconscientemente, ele é visto como um veterano, alguém imperfeito, incompleto, mutilado, uma pessoa que no âmbito real da reprodução da sociedade não teria qualquer função, contribuindo de forma pouco transparente e como que pela via de uma “graça especial”, à manutenção do sistema social e à continuidade de sua própria vida (ADORNO, 1971a, p. 78-79; 1995, p. 107).

Mais adiante nesse mesmo texto, Adorno irá afirmar que os professores são vistos, com frequência, da mesma forma com que se focaliza o infeliz herói de uma tragicomédia do naturalismo: “em respeito a eles poderíamos falar de um complexo de *devaneios*.” (ADORNO, 1971a, p. 80; 1995, p. 109). Os professores – assim como o herói da tragicomédia – se encontram em permanente suspeição de estarem fora da realidade, na medida em que a substituem pelo mundo intramuros da escola, pelo seu microcosmo, que é isolado em maior ou menor grau da sociedade dos adultos¹². Para Adorno, nesse estereótipo do “estar fora da realidade” fundem-se os traços infantis de alguns professores com os do mesmo tipo de muitos alunos. Eles dizem respeito ao realismo supervalorizado dos alunos que, na medida em que conseguem se adaptar de um modo mais exitoso ao princípio da realidade da escola do que podem fazer os professores, que continuamente precisam anunciar e exemplificar ideais de superego, acreditam estar compensando aquilo que crêem lhes faltar, ou seja, o fato de não se constituírem, ainda, sujeitos independentes. É nesse quadro que Adorno vai afirmar: “talvez seja por isto que professores que jogam futebol ou são bons de copo sejam tão populares com os alunos, na medida em que correspondem à imagem de mundanidade deles.” (ADORNO, 1971a, p. 80; 1995, p. 110).

Na seqüência do texto, Adorno (1971a, p. 81; 1995, p. 110) irá fazer uma afirmação que, para a educação do corpo, adquire enorme importância:

o processo civilizatório de que os professores são agentes orienta-se para um nivelamento. Ele pretende eliminar nos alunos aquela natureza disforme que retorna como natureza oprimida nas idiossincrasias, nos maneirismos da linguagem, nos sintomas de estarecimento, nos constrangimentos e nas inabilidades dos mestres.

Os alunos que triunfarão no processo educacional serão os que perceberem no professor justamente aquilo contra o qual se dirige todo o sofrido processo educacional. Haveria nesta afirmação uma evidente crítica à educação que, na opinião de Adorno, teria fracassado em nossa cultura – assim como o processo de formação malogrou, realizando-se, deformado, como *semiformação*. Essa falta de sucesso seria comprovada também pela presença de uma dupla hierarquia observável no âmbito da escola:

a hierarquia oficial, conforme o intelecto, o desempenho, as notas, e a hierarquia não-oficial, em que a força física, o ‘ser macho’ e todo um conjunto de aptidões prático-morais não honradas pela hierarquia oficial desempenham um papel. (ADORNO, 1971a, p. 81; 1995, p. 111).

Outra passagem importante para entendermos o *lugar* que o corpo e suas expressões ocupam nas reflexões de Adorno, e que guarda grande relação com as considerações do sobre o processo educacional, refere-se aos seus comentários sobre o uso e a forma da linguagem, presentes de maneira mais enfática no texto *A filosofia e os professores*. Adorno discorre neste texto sobre a prova geral de Filosofia para a docência de disciplinas acadêmicas (*wissenschaftliche Lehramt*) nas escolas superiores do Estado de Hessen. Ao atentar para o parágrafo nono do regulamento do exame, no qual está previsto, como critério de avaliação, uma atenção especial em relação à forma da linguagem dos candidatos, adverte que, se os avaliadores se detivessem estritamente neste critério, então provavelmente não haveria nem sequer o preenchimento das vagas mais urgentes para o cargo de professor. Nas suas palavras: “somente muitos poucos [candidatos] pressentem algo na diferença entre a linguagem como meio de comunicação e a linguagem como meio de expressão rigorosa do objeto.” (ADORNO, 1995, p.64-65).

O fraco desempenho dos candidatos ao magistério no referido exame leva-o a concluir pelo fracasso da formação cultural (*Bildung*), fenômeno grave por si só e com proporções assustadoras para os formadores/educadores. Esse fracasso se revelaria mais drástico ainda na relação dos candidatos com a linguagem, tanto nos inúmeros erros gramaticais e de sintaxe presentes nos trabalhos escritos, quanto nas dificuldades de comunicação, sobretudo em relação ao dialeto¹³, no exame oral. No que se refere às formas *não-cultas* do idioma, Adorno (1995, p. 66)¹⁴ destaca que a questão merece esclarecimentos:

espera-se da formação cultural que ela amenize a rudeza da linguagem regional com formas mais delicadas. Mas nada disso acontece. O conflito do alemão culto e do dialeto termina numa reconciliação que não satisfaz a ninguém, nem ao próprio futuro professor, cujo desagrado ressoa em cada palavra.

Essas ponderações ganham mais importância se considerarmos outra passagem, presente no texto *Educação após Auschwitz*, em que ele volta a comentar o tema. Destaca que em cada situação na qual a consciência é danificada, as conseqüências se refletem sobre o corpo e a esfera corporal de uma maneira não-livre e propícia à violência. Como exemplo dessa relação patológica com o corpo, ADORNO (1995, p. 66) destaca:

basta prestar atenção em um certo tipo de pessoa inculta como até mesmo a sua linguagem – principalmente quando algo é criticado ou exigido – se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada.

Por outro lado, é preciso considerar também que a própria linguagem pode ser expressão de um comportamento bárbaro. É oportuno destacar a passagem do debate *Educação contra a barbárie* no qual Adorno, a pedido de Becker, procura definir a barbárie, embora advirta que tal fato o desagrada – afinal, ela é, em última instância, inominável e tentativa de delimitá-la implica em, de alguma forma, justificá-la. Adorno (1995, p. 160) responde que,

quando um time de fora vence é ofendido e agredido num estádio, ou quando um grupo de presumíveis bons cidadãos agride estudantes ainda que só mediante palavras, podemos apreender de um

modo radical, a partir desses exemplos tão atuais, a diferença entre o que é e o que não é barbárie.

Lembre aqui, novamente, o quanto o comportamento do indivíduo nos processos de coletivização significa regressão e infantilização frente às lideranças políticas manipuladoras ou em relação aos pertencimentos tribais que conformam os espectadores esportivos nos estádios.

4 Considerações finais: uma nota sobre a escola e a Educação Física escolar

As passagens desses textos nas quais o corpo aparece, de forma mais sutil ou mais explícita nas reflexões pedagógicas de Adorno, representam também chaves importantes para pensarmos a *educação do corpo* na escola e em outros ambientes educacionais¹⁵. Destacam-se ainda seus comentários sobre os tabus a respeito da profissão do professor, mais precisamente sobre sua imagem como “alguém responsável por castigos”, que é fisicamente mais forte e castiga o mais fraco. Embora as agressões físicas diretas sejam hoje menos freqüentes na escola, há uma extensa lista de sanções e medidas punitivas que estão a cargo dos professores. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a possibilidade de dar notas baixas, de registrar faltas no diário de classe, de humilhar verbalmente ou de reprovar, parece ser ainda uma forma essencial de os professores se “legitimarem” frente aos alunos e alunas.

Por outro lado, é bom que se lembre que sobrevive na escola e nas instituições de atendimento à infância um conjunto grande de castigos relacionados diretamente a dores e privações corporais. Inúmeros exemplos, como poder ou não levantar da carteira ou sair dos berços, a permissão para ir ao banheiro, para tomar água ou punições que impõem a privação do recreio ou das aulas de Educação Física às crianças, entre outros, são castigos corporais muito severos, que se assemelham, em alguma medida, às agressões físicas diretas.

No que se refere à dupla hierarquia que celebra a virilidade e a violência, é preciso considerar os comentários de Adorno sobre a forte tendência que as crianças têm para se identificar com “coisas de soldado” e o prazer com que os meninos vestem-se de *cowboys* e correm “armados” pelas ruas. Ao que tudo indica, esse comportamento das

crianças, sobretudo dos meninos, reproduz “...de novo, ontogeneticamente, o processo filogenético, que gradualmente liberou os homens da violência física” (ADORNO, 1995, p. 102), mas pode também conformar o prenúncio de uma personalidade autoritária.¹⁶

Talvez não seja exagero considerar que a imagem do professor como o que castiga, e que corresponde à figura do carcereiro e do suboficial, parece, no caso da Educação Física escolar, ser mais que eletiva, na medida em que ela manteve, sobretudo no contexto brasileiro, fortes vínculos com a instituição militar. A vinculação entre ambas as instituições – a Educação Física e a caserna – emerge, principalmente, no disciplinamento do corpo. Basta lembrar que no cotidiano das escolas uma forte motivação encontrada na fala de seus atores/sujeitos para a existência da Educação Física refere-se ao seu papel no disciplinamento das crianças, na ajuda que prestaria às demais disciplinas ao “ensinar” aos pequenos a ficarem mais “comportados”. Por outro lado, ainda persiste no imaginário social da escola – mas também da sociedade – a idéia de que o professor desta disciplina, principalmente quando homem, é alguém com porte físico mais avantajado, que exerce funções, muitas delas disciplinares, para além daquelas circunscritas às suas aulas.

Por fim, é fundamental considerar que o interesse da escola – e do processo educacional – pelo corpo, é, ao que tudo indica, bem maior do que aquele manifesto pela Educação Física escolar. Conforme destacou Adorno (1995, p. 110), o processo civilizatório do qual os professores são agentes orienta-se pelo nivelamento da “natureza disforme” dos alunos. Em outras palavras, além do desenvolvimento e aplicação do conjunto de técnicas corporais e de cuidados com o corpo, que são orquestrados diretamente pela Educação Física, uma parte significativa dos esforços pedagógicos empreendidos em vários outros tempos e espaços escolares e sociais, dirige-se ao controle e disciplinamento dos corpos, tanto dos alunos, quanto dos próprios professores. Não é sem razão, como destacado acima, que as idiossincrasias, os maneirismos da linguagem, os sintomas de estarecimento, os constrangimentos e as inabilidades dos professores, que retornam como natureza oprimida (ADORNO, 1995), sejam percebidos pelos alunos, no contexto do processo educacional, como sinais de fraqueza dos mestres. No espírito crítico do grande dialético que foi Adorno, reconhecer este mal-estar na educação e na escola, que se compõe com enorme força no corpo e suas expressões, talvez seja um primeiro passo para sua superação.

Notas

- 1 O texto desenvolve argumentos apresentados no Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física de Jaison José Bassani, defendido no segundo semestre letivo de 2002, com apoio do programa PIBIC/CNPq-BIP/UFSC.
- 2 A tradução brasileira citada será *Educação e emancipação*. (ADORNO, 1995). Salientamos que o título original *Erziehung zur Mündigkeit* poderia ser traduzido por *Educação para a autonomia*.
- 3 Consulte-se, sobre este tema, Vaz (1999). Sobre os aspectos disciplinadores do corpo nas aulas de Educação Física escolar, conferir Vaz, Bassani e Silva (2001).
- 4 A tradução brasileira diz “é próprio do esporte não apenas o impulso à violência, mas também o impulso à obediência e ao sofrimento.” (ADORNO, 1998). Destaque-se também a tradução de Manuel Sacristán para a edição em espanhol: “pues no sólo es propio del deporte el impulso de cometer violencia, sino también el de soportarla y defenderse de ella.” (ADORNO, 1962, p. 81).
- 5 Uma interessante pesquisa empírica sobre esta questão, desenvolvendo as reflexões de Adorno, foi realizada por Zuin (2002).
- 6 Em geral, para Adorno, o esporte pode ser pensado como uma estrutura modelar para se compreender a sociedade moderna, na medida em que nela impera, assim como naquele, o princípio do rendimento (*Leistungsprinzip*). De fato, no esporte contemporâneo, e no treinamento corporal que ele exige, a busca pelo rendimento é acompanhada por um cuidado progressivamente maior e mais detalhado, no controle dos vários vetores que compõem o corpo em sua *aceleração tecnológica*. Este controle traduz-se freqüentemente em números que procuram equivalências e distinções, nos quais opera uma *fungibilidade universal*: pouco importa o sujeito da ação, uma vez que ele é intercambiável, mas aquilo que é realizado. Se esta condição não se encontra apenas no esporte, é nele que se coloca sua mais extensa realização, tornando-o, por assim dizer, um poderoso *Leitmotiv* da sociedade contemporânea.

- 7 Exemplar é o ensaio de Adorno (2002) denominado *Tempo livre*. Nesse texto, após problematizar o próprio uso da expressão em sua suposta oposição ao mundo do trabalho, assim como seu caráter fetichista, Adorno irá se referir mais uma vez ao esporte, criticando-o duramente. Nas suas palavras: “... mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo no ‘team’, que se realiza se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabê-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se esperam no processo de trabalho. A velha argumentação de que se pratica esporte para permanecer ‘fit’ é falsa só pelo fato de colocar a ‘fitness’ como fim em si; ‘fitness’ para o trabalho é contudo uma das finalidades do esporte. De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas – e então gozaremos como sendo triunfo da própria liberdade – que, sob a pressão social, nos temos que obrigar-nos a fazer e ainda temos que achar palatável.” (ADORNO, 2002, p. 123-124).
- 8 Diz respeito a esta questão o Prefácio da *Dialética do esclarecimento*, e também a sugestão do texto *Educação após Auschwitz*, de que se constituíssem grupos de formação para os moradores do campo, utilizando-se, para tanto, até mesmo programas televisivos!
- 9 Um exemplo disso é um dos trechos das *Minima moralia*: “Talvez se oculte no culto da velocidade técnica, como no esporte, o impulso para dominar aquele terror das correrias, desviando-as do próprio corpo e, ao mesmo tempo, reenviando-as de forma soberana: o triunfo do marcador de milhas que vai subindo vem aplacar de maneira ritual a angústia do fugitivo. Mas quando se grita para alguém: ‘Corre!’, quer se trate da criança que deve apanhar para sua mãe a pequena sacola esquecida no primeiro andar, ou do prisioneiro a quem a escolta manda fugir para ter um pretexto para assassiná-lo, faz-se ouvir a violência arcaica que de outro modo guia imperceptivelmente cada passo.” (ADORNO, 1992, p. 142; 1997c, p. 185). Aqui vale uma ressalva à excelente tradução brasileira, nesse ponto por nós modificada, que optou pela expressão *marcador de quilometragem* em lugar de *marcador de milhas*. O uso entre nós de um sistema de medição diferente daquele mais corriqueiro nos Estados Unidos fez com que a tradução encobrisse uma questão es-

sencial que remete, no culto da velocidade técnica incorporada no automóvel, à experiência norte-americana de Theodor W. Adorno.

- 10 Segundo relato de Rolf Tiedmann (1997), principal organizador das Obras Reunidas (*Gesammelte Schriften*) de Adorno, ele tencionava escrever um trabalho específico sobre Sociologia do Esporte, o que não veio a acontecer.
- 11 Dizem Horkheimer e Adorno (1985, p. 128; 1997, p. 158-159) na *Dialética do esclarecimento*: “A diversão é o prolongamento do trabalho no capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação de mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. O pretense conteúdo não passa de uma fachada desbotada; o que fica gravado é a seqüência automatizada de operações padronizadas. Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais.”
- 12 Segundo Adorno, este seria um forte motivo pelo qual a escola defende tão encarniçadamente seus muros. Uma das tentativas de quebrar esse isolamento da sociedade adulta seria por meio de reuniões de pais e similares, bastante freqüentes na escola.
- 13 É importante destacar que as restrições de Adorno ao dialeto devem ser inscritas no quadro geral que considera o campo como um lugar de pouco refinamento intelectual, pouco diferenciado, mais bruto e com relações sociais mais severas e bárbaras, como pode ser observado no texto *Educação após Auschwitz*. (ADORNO, 1995, p. 125-126). Consulte-se também, sobre o tema da linguagem, a entrevista com Regina Becker-Smidt, assistente de Adorno no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt nos anos sessenta. (FRÜCHTL; CALLONI, 1991).

- 14 Para Adorno (1995, p. 67) “à formação cultural (*Bildung*) precisa corresponder a urbanidade, e o lugar geométrico da mesma é a linguagem.” Salienda, no entanto, que nenhuma pessoa pode ser discriminada por ser do campo, mas, por outro lado, ninguém deveria converter esse fato em um mérito, insistindo em permanecer “provinciano”: “quem não conseguiu emancipar-se da província, posiciona-se de um modo extraterritorial em relação à formação cultural.”
- 15 É importante considerar que, além das passagens mencionadas acima, existe ainda pelo menos uma outra contribuição de Adorno no que se refere ao tema *corpo*, que emerge em praticamente todos os ensaios do livro em questão. Trata-se de uma série de expressões empregadas por Adorno, tais como *cicatriz, ferida, arrepio, sangue*, entre outras. A hipótese é de que essas expressões que, na falta de uma designação melhor, chamaremos de *metáforas corporais*, não são empregadas por acaso, sem um propósito, sobretudo se considerarmos a envergadura de um filósofo como é o caso de Adorno, e sua preocupação e rigor quanto à forma da linguagem como meio de expressão rigorosa do objeto. Ao que tudo indica, um estudo amplo e minucioso a respeito dessas expressões, que aparecem também no núcleo central das obras do autor, trará contribuições importantes para a educação do corpo, e certamente revelará pistas para compreendermos melhor o lugar do corpo em sua Filosofia Social.
- 16 Diz Max Horkheimer (1941, p. 379 e seguintes), que a violência glorificada pela força física, típica dos impasses civilizatórios e fortemente representada pelo esporte, encontraria seu lugar também na escola, onde as aulas de Educação Física (esporte e ginástica) teriam, justamente por este seu caráter, a preferência das crianças.

Referências

- ADORNO, T. W. El ataque de Veblen a la cultura. In: ADORNO, T. W. *Prismas: crítica de la cultura y la sociedad*. Barcelona: Ariel, 1962. p. 75-98.
- _____. *Erziehung zur Mündigkeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971a.
- _____. *Kritik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971b.
- _____. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1992.

- ADORNO, T. W.. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. Teoria da semicultura. *Educação e sociedade*, Campinas, ano 17, n. 56, p. 338 – 412, dez. 1996.
- _____. Negative Dialektik. . Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997a. (*Gesammelte Schriften* 6)
- _____. *Veblens Angriff auf die Kultur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997b. *Gesammelte Schriften* 10-1.
- ADORNO, Theodor W. *Minima moralia: reflexionen aus dem beschädigten Leben*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997c. *Gesammelte Schriften*, 3.
- _____. O ataque de Veblen à cultura. In: ADORNO, T. W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998. p. 69-90.
- _____. Tempo livre. In: ADORNO, T. W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 112-127.
- FRÜCHTL, J.; CALLONI, M. *Geist gegen den Zeitgeist. Erinnern an Adorno*. Frankfurt am Main; Suhrkamp, 1991.
- HORKHEIMER, M. The End of Reason. *Studies in Philosophy and Social Science*. New York City: Institut of Social Research 1941. p. 366-388.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *Dialektik der Aufklärung: philosophische fragmente*. . Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. *Gesammelte Schriften*, 3).
- TIEDMANN, R. *Editorische Nachbemerking*. In: ADORNO, T. W. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. (*Gesammelte Schriften* 9-2).
- VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: *Cadernos CEDES* ; Campinas, n. 48, p. 89-108, 1999.
- VAZ, A. F.; BASSANI, J. J.; SILVA, A. S. da. Identidades e rituais na educação do corpo na escola: um estudo em aulas de educação física no ensino fundamental. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2002.
- ZUIN, A. A. S. *O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação*. São Paulo: Cortez, 2002.

Notes on education of the body in the "pedagogic texts" of Theodor W. Adorno

Abstract

The aim of this paper is to analyze the theme of the education of the body as discussed by Theodor W. Adorno in some of his essays, conferences, and debates. The paper analyzes the author's "pedagogic texts" as well as the epistemological route offered by his Dialectic of Enlightenment, book written with Max Horkheimer. The results show how the body reaches a pedagogic dimension in Adorno's work and are introduced through two broad concepts: 1) the immediate content, expressed in comments referred to what is traditionally understood as the education of the body, specially sports and the way they are taught; and 2) the latent content of the education of the body, rooted in the book passages where the somatic is emphasized, bringing important contributions for the understanding of the role of the body in Adorno's pedagogic project.

Keywords: Adorno, Theodor; W.; 1903-1969 - Criticism and interpretation; critical Theory; Frankfurt School

Alexandre Fernandez Vaz
Caixa Postal 476 - Campus Universitário-
88042-900- Florianópolis/SC
E-mail alexfvaz@uol.com.br
E-mail

Comentarios sobre la educación del cuerpo en los "textos pedagógicos" de Theodor W. Adorno.

Resumen

El artículo tiene como objetivo presentar e interpretar el contenido sobre la educación del cuerpo en algunos ensayos, conferencias y debates de Theodor W. Adorno. Fueron analizados los "textos pedagógicos" del autor, bajo la dirección epistemológica ofrecida por la obra Dialéctica de la Ilustración, escrita junto con Max Horkheimer. Los resultados muestran como el tema del cuerpo alcanza una dimensión pedagógica en la obra de Adorno y son presentados mediante dos conceptos generales: 1) el contenido manifiesto, expresado en los comentarios que se refieren directamente a lo que tradicionalmente entendemos por educación del cuerpo y que están relacionados, sobre todo, al deporte y su enseñanza; 2) el contenido latente sobre la educación del cuerpo, radicado en los pasajes de los textos en donde lo somático se destaca, trayendo contribuciones importantes para comprender el lugar del cuerpo en lo que podríamos llamar de un proyecto pedagógico adorniano.

Palabras clave: Adorno Theodor W., 1903 – 1969 - Crítica e Interpretación; Teoría Crítica; Frankfurt, escuela de

Recebido em:18/04/2003
Aprovado em:10/05/2003